



# CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga  
Presidente do ISB

Artigo nº 113/2010  
Contatos: secretaria@isb.org.br

## NA POLÍTICA, OS INGLESES

Na política, os ingleses são sempre uma referência. Escrevo incitado pela virada à direita das últimas eleições no Reino Unido, após treze anos de Partido Trabalhista, finalmente desgastado pela corrupção. Um acontecimento absolutamente trivial em qualquer democracia do mundo, incluindo o motivo da corrupção, mas que, naquele país, ganha um destaque especial; precisamente porque lá reside uma referência política mundial permanente, no número 10 da Downing Street..

Os ingleses foram os primeiros a fazer a Revolução Burguesa, extinguindo a monarquia absoluta e reconhecendo o poder dos cidadãos que tinham certa renda, representados na Câmara dos Comuns. Foi difícil, sangrenta, feita em três etapas, com uma ditadura no meio, cortando a cabeça de um rei, deixando ainda uma fatia de poder à nobreza, na Câmara dos Lords, mas fizeram-na, cem anos antes da Revolução Americana e da Revolução Francesa.

Foram os primeiros a propor a tese contratualista, segundo a qual os governos não descendiam mais da vontade de Deus mas se estabeleciam por uma espécie de contrato implícito entre governantes e governados, que definia as obrigações e os direitos de cada parte. Verdade que o primeiro formulador, Thomas Hobbes, sugeria um contrato leonino, pelo qual o povo delegava todos os poderes ao Soberano, ao Estado Leviatã, mas instituiu o dever que lhe correspondia, de garantir a vida dos cidadãos, e reconhecia o direito à rebelião se houvesse falha nessa garantia. Era a primeira vez que se falava na idéia de um contrato no qual o povo participava.

Foram também os primeiros a formular toda a estrutura filosófica e legal do liberalismo político e econômico: o político com John Locke e o econômico com Adam Smith, tendo as respectivas obras constituído os marcos fundamentais de todas as construções da democracia liberal e de toda a teoria econômica clássica, em todo o mundo.

Foram os ingleses também, no início do século vinte, com os “Fabianos” (a Fabian Society, uma ala avançada dos trabalhistas), os primeiros a afirmar a possibilidade de se implementar um socialismo não pela via marxista-leninista da revolução armada mas pelo voto, num processo gradual realizado dentro da democracia, ensejando a criação do ideal da socialdemocracia, um sistema de transferência de renda através de impostos diretos pesadíssimos que financiavam largos benefícios previdenciários, que teve vigência com grande êxito durante trinta anos na Europa Ocidental do pós-guerra, tendo nos escandinavos seu exemplo de maior sucesso e duração.

O mundo dos Direitos Humanos não esquecerá nunca a resistência dos ingleses, sozinhos, contra a “invencível” máquina de guerra nazista, em 1940, nos meses em que, senhores de toda a Europa Ocidental após a rendição da França, os alemães propuseram a paz em separado com o Reino Unido, com o compromisso de respeitar todo o Império Britânico e a intenção secretamente declarada de conquistar a Rússia e satisfazer assim as necessidades de “espaço vital” para o Terceiro Reich. Os Estados Unidos estavam ainda de fora do conflito e a União Soviética tinha um pacto de não-agressão com a Alemanha. Os

---

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo  
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702  
e-mail: secretaria@isb.org.br



# CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga  
Presidente do ISB

Artigo nº 113/2010  
Contatos: secretaria@isb.org.br

Inglese recusaram a proposta e resistiram sozinhos à formidável investida da Luftwaffe que arrasava Londres. Foi o episódio dramático em que, na famosa sentença de Churchill, “Nunca tantos deveram tanto a tão poucos”, referindo-se aos jovens pilotos da RAF que enfrentaram a maciça arremetida dos aviões nazistas. Não se pode nunca, honestamente, especular com o condicional na História, mas se pode, sim, deixar a pergunta no ar: se os ingleses, seguindo o preceito dos políticos realistas que afirmam que as nações não têm amigos nem ideais, têm interesses concretos, se os ingleses tivessem seguido seu interesse específico e imediato de fazer a paz em separado, poupando a vida dos seus soldados e protegendo o imenso capital do seu Império, se tivessem aceito a proposta de Hitler, como seria o mundo hoje?

E depois? Os ingleses foram sábios, pragmáticos e rápidos no reconhecer que a era do colonialismo tinha findado com aquela tremenda guerra antifascista, e não ofereceram nenhuma resistência ao despedaçamento do seu Império: reconheceram a independência da Índia, do Egito e de todas as colônias africanas, ao contrário dos franceses, que guerrearam até o fim na Argélia e na Indochina, usando tortura e tudo o mais.

Assim como foram pioneiros na proposição, foram igualmente os primeiros na dissolução da socialdemocracia e na proclamação do neoliberalismo, com a demolidora Dama de Ferro no poder por muito tempo, até a volta dos trabalhistas, então já domesticados pelo mercado globalizado, com o submisso Tony Blair, rendido ao poder maior do capital. Foi um recuo desastroso na evolução política do mundo e muitos se perguntaram se aquele episódio não marcava o embotamento da sensibilidade britânica atenuada com a História. Não tenho resposta para mim mesmo, que fui um dos questionadores.

Há que aguardar os tempos. Os ingleses entraram em compasso de espera, e com humildade, sem nenhum traço da arrogância dos americanos. E assim estão, agora sob os conservadores numa aliança improvável com os liberais, observando as aflições do Euro, que não quiseram adotar como sua moeda.

---

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo  
Rio de Janeiro - RJ

[www.isb.org.br](http://www.isb.org.br)

Tel: (21) 2285-3702  
e-mail: [secretaria@isb.org.br](mailto:secretaria@isb.org.br)